



20º Congresso de Iniciação Científica

CONTRIBUIÇÕES DAS ESCOLAS FILOSÓFICAS EXISTENCIALISMO E FENOMENOLOGIA PARA OS ESTUDOS DO LAZER

Autor(es)

NATÁLIA PUKE

Orientador(es)

NELSON CARVALHO MARCELLINO

Apoio Financeiro

PIBIC/CNPq

1. Introdução

Atualmente a produção sobre a temática do lazer tem se desenvolvido para além das faculdades de Educação Física, na medida em que se constatou que o lazer é um objeto de estudo complexo, cujas manifestações estabelecem múltiplas relações com os aspectos culturais, econômicos, midiáticos, políticos, morais, educacionais e subjetivos. Diante disso, observa-se que o lazer se apresenta em vários conteúdos culturais de forma contraditória e adversa, visto que, ora se constitui como um veículo educacional das políticas públicas e do usufruto dos prazeres e escolhas, ora no entrelaçado da cultura massa, como um aparato instrumentalizado em benefício das lógicas do consumo e da docilização dos corpos. Embora o lazer apresente diversas conceituações há certa concordância entre os pesquisadores, quando dizem que ele é uma dimensão da cultura que se constitui mediante os aspectos - tempo, espaço, atividade e atitude. Neste trabalho, assumiremos como referencial as pesquisas do sociólogo Nelson Carvalho Marcellino, influenciado pelos estudos de Joffre Dumazedier e cuja abordagem do materialismo-histórico, aloja-se na leitura gramsciana. No que tange a sua abordagem, o lazer tal como se manifesta hoje, tem os precedentes no contexto sociocultural da segunda metade do século XIX, período no qual as transformações nos modos de produção e a predominância da mentalidade liberal modificaram as relações entre homem e trabalho, entre homem e tempo. Sendo assim, o lazer é um elemento cultural gerado histórica e dialeticamente do conflito entre homem e trabalho, portanto se situa na cultura como o tempo disponível onde se entrelaçam as possibilidades de se perceber os conflitos sociais e as necessidades humanas. Acerca dessas questões, observa-se que o lazer nos possibilita repensar as diversas problemáticas humanas, como aquilo que se desdobra no âmbito subjetivo. É a partir desses pressupostos que analisaremos alguns conceitos da fenomenologia e existencialismo, no intento de identificar quais os possíveis significados do lazer para o homem contemporâneo.

2. Objetivos

O objetivo desse trabalho é investigar as possíveis contribuições das escolas filosóficas existencialismo e fenomenologia em relação os trabalhos que constituem a Teoria do Lazer, sobretudo, a perspectiva do sociólogo Nelson Carvalho Marcellino.

3. Desenvolvimento

O trabalho foi realizado por pesquisa bibliográfica, no Sistema de Bibliotecas da UNIMEP, ferramentas acadêmicas disponíveis na Internet. As obras selecionadas foram analisadas por análise textual (leitura seguida e completa da unidade do texto em estudo), temática (investigação e problematização do tema ou assunto), interpretativa (tomar uma posição própria a respeito das ideias enunciadas e dos pressupostos que o texto implica) e crítica (formulação de um juízo crítico e tomada de posição, referente à coerência interna do texto e contribuição que se dá à discussão do problema) (SEVERINO, 1980), sempre abordando o método enquanto abordagem e processo discursivo (BRUYNE et alli, 1977).

4. Resultado e Discussão

A fenomenologia investiga os objetos do conhecimento tais como se apresentam à consciência humana, no intento de revelar a essência do fenômeno (aquilo que se apresenta). Para Edmund Husserl (1859-1938), fundador do método fenomenológico, essências são compreendidas como unidades de ideias de significação, elementos constitutivos do sentido de nossa experiência (MARCONDES, 1998, p. 258). A partir desse postulado a fenomenologia privilegia a vivência e desenvolve o conceito de intencionalidade. Este diz que a consciência sempre tende para um alvo e que não há conhecimento alheio à subjetividade, uma vez que não conhecemos o mundo como um dado bruto, mas sim revestidos de significados (ARANHA & MARTINS, 1991), ou seja, o mundo que percebo é um mundo para-mim. Para Merleau-Ponty (1908-1961) a intencionalidade é uma particularidade da consciência que se desenvolve no âmbito da percepção corpórea. Nessa ótica o corpo é considerado um truísmo, um locus indubitável de todo o processo de constituição do conhecimento e da subjetividade, uma vez que é tempo, espaço, fala e motricidade. Assim, o corpo é o veículo do ser no mundo (MERLEAU-PONTY, 1996, p. 129) onde se mantém intimamente, todas as dimensões da existência, isto é, a relação constante com o *Umwelt* (meio circundante). Desse modo, o corpo não está separado do mundo, aliás, ele é feito da mesma carne [...] ele a reflete, e ambos se imbricam mutuamente (MERLEAU-PONTY, 1971, p. 225). A partir dessa premissa o autor infere que há uma interioridade que se propaga de um para outro numa reversibilidade permanente, o que significa, em certa medida, dizer que o mundo está todo dentro e o eu está todo fora (MERLEAU-PONTY, 1984). Observa-se assim, que não há dicotomias constitutivas da realidade, pois o homem é participante e atuante íntimo das coisas, um ser-no-mundo onde toda experiência e significação só são possíveis porque o corpo se encontra como que atado no tecido da estrutura do mundo. Acerca disso, a significação toma grande importância na sua obra e por isso a análise da linguagem acompanha o seu construto. O autor destaca que há duas linguagens: fala falada que remete a linguagem sedimentada, constituída por significações correntes e pelas demais formas de expressão de um dado meio sociocultural (BOCCHI&FURLAN, 2003, p. 446) e fala falante” que é a linguagem em estado nascente, como um ato instituinte e criativo (BOCCHI&FURLAN, 2003, p. 446), ou seja, é a linguagem artística, como expressão reinventiva do real. Assim, segundo Merleau-Ponty (1984) a experiência estética, é uma forma reveladora da latência do ser pré-reflexivo que se escapa das determinações racionais. A linguagem visual na pintura, por ser uma linguagem sem signos, se configura através do ícone como uma ponte para o ser bruto, visando a gênese secreta e febril das coisas em nosso corpo (MERLEAU-PONTY, 1984, p. 92), o que vem a revelar o movimento de reversibilidade entre corpo e mundo. Nesse sentido, entre autor e obra ou espectador e obra não se sabe quem toca ou quem é tocado, visto que nessa relação de um com ou para o outro se estabelece um entrelaçado mudo que é acolhido na sensibilidade corpórea. No que se refere ao existencialismo foi acompanhando alguns dos conceitos básicos da fenomenologia que essa abordagem desenvolveu uma filosofia de carne e osso, reconhecendo o homem em seu estado imanente e finito (ARANHA & MARTINS, 1991). Para os existencialistas a realidade é destituída de sentido absoluto, pois a existência precede a essência (SARTRE, 1987, p. 6). Desse modo, o humano é para-si, um projeto e, portanto, livre para escolher e atribuir sentido para a sua existência a partir do reconhecimento de ser nada. Para Albert Camus essa é a irrefragável condição humana - a consciência de que nada nos espera e de que tudo é absurdo. O absurdo que é o seu conceito principal é a constatação da ausência de sentido e, portanto, a tensão extrema, que mantém constantemente com um esforço solitário o desafio para a afirmação da existência. Nesse sentido, o absurdo não liberta: liga (CAMUS, 1989, p. 49), é como um despertar de um sono que constrói um terreno decisivo para a consciência. A atividade da consciência se afirma na esfera do cotidiano quando reconhecemos a inutilidade de alguns de nossos hábitos cotidianos e preceitos socioculturais e econômicos tidos como verdadeiros. Segundo Camus (1989) a vida é mascarada pelo hábito, pois adquirimos o hábito de viver antes de adquirir o de pensar (CAMUS, 1989, p. 9). Contudo, a ordem da vida se desconstrói na constatação da absurdidade e na insatisfação de uma vida condicionada pelo hábito. Assim, o sentimento de absurdidade emergido no cansaço passa a ser o gatilho para o embate existencial que nos obstina a respondê-lo ou pela criatividade ou pelo suicídio. Por este aspecto, o sentido da vida é a questão mais decisiva de todas (Ibidem, p. 7). A densidade dessa leitura que leva o homem a uma condição limite caminha para a afirmação da vida. É aqui que se inaugura a criatividade como uma resposta para o absurdo e restabelecimento humano para a existência, que podemos compreender como o ímpeto para a construção de sentido, sendo tanto pela via da arte (criação), quanto pelo do campo da filosofia (pensamento). Nesse percurso que traçamos é possível extrair do sentimento absurdo três consequências: A revolta que é a recusa ao hábito e também o confronto permanente do homem com sua própria obscuridade (CAMUS, 1989, p. 41); A liberdade que sucede a revolta e é o processo de retorno à consciência, a evasão para fora do sono cotidiano (CAMUS, 1989, p. 44). E por fim, a paixão que é a potência de vida, o movimento do querer consumir todo o campo do possível, isto é, criar sentido autêntico para a existência.

5. Considerações Finais

Tomando como referência os estudos de Marcellino (2006) o lazer é um complexo de atividades e atitudes vivenciadas numa diversidade de conteúdos culturais que se definem pelos interesses: Físico-esportivos (exercícios/movimento), sociais (festas), artísticos (apreciação ou produção estética), manuais (artesanato e bricolage), intelectual (leitura/palestras) e turístico (passeios/viagens). Acompanhando as concepções de Dumazedier (1980), Marcellino (2006, p. 17) discorre que a distinção entre os conteúdos do lazer só pode ser estabelecida em termos de predominância, representando escolhas subjetivas, o que evidencia uma das características das atividades de lazer a opção. Acerca disso pode-se relacionar essa análise ao conceito de intencionalidade em Merleau-Ponty, interpretando o lazer como um campo de possibilidades que toma forma mediante a significação do sujeito. Neste ponto da discussão, cabe um olhar culturalista sobre as atividades, experiências e políticas relativas ao lazer, pois se percebe que o que está em questão são as vivências dos diversos sujeitos sociais. Isso significa que, embora os conteúdos do lazer possam ser categorizados, o que definirá a relação com o lazer é a motivação do sujeito da ação, se bem quiser a sua intencionalidade. Por estes aspectos, o lazer pode ser apreendido ainda, como um conteúdo da linguagem expressa pelo corpo no tempo disponível. Nessa linha de interpretação, o lazer pode incorporar tanto a fala falada, quanto a fala falante. Compreende-se que lazer enquanto fala falada recorre as determinações de valores já instituídos pela sociedade, destacando-se principalmente, os referenciais da cultura do trabalho e mercado, ou seja, o lazer funcionalista enquanto compensação da força (docilização dos corpos) ou produto a ser consumido. Já o lazer enquanto fala falante segue como um ato instituinte da experiência estética, podendo, portanto, vincular-se ao conteúdo artístico do lazer, tanto pela apreciação, quanto pela criação. Além disso, considerando que no domínio do movimento e do exercício físico também é um campo para a manifestação estética (MARCELLINO, 2006, p. 17), pode-se concluir, relacionando o conceito Perdido numa intensidade focada de Gumbrecht (2007) (que configura a experiência do esporte no âmbito de uma manifestação irracional) com a noção de reversibilidade em Merleau-Ponty - que a fruição das atividades físico-esportivas, tanto do ponto de vista do autor da ação, quanto do espectador -, são experiências análogas aos conteúdos estéticos, e porque não dizer, espécies de epifanias seculares, que através do corpo, rompem as dicotomias perceptivas e categorizadas do real, produzindo as sensações de unidade, encantamento e pertencimento. Cabe exemplificar o êxtase vivenciado pelos torcedores nas finais dos campeonatos futebolísticos. Quanto a análise do existencialismo pode-se interpretar que no lazer se encontram as possibilidades de resposta para o absurdo via a evasão da criticidade e criatividade. Nesse raciocínio, destacamos as concepções de Camus (1989) em relação os níveis de lazer descritos por Dumazedier (1980), que são três: Elementar, que diz respeito ao conformismo e/ou desinteresse; Médio, que pressupõe a criticidade, e superior ou inventivo, que denota a criatividade do sujeito. O nível elementar se associa a noção de hábito de Camus que conduz o indivíduo numa passividade letárgica diante das possibilidades que o lazer apresenta. O nível médio se relaciona a noção de revolta e liberdade, como a forma pela qual o sujeito se posiciona conscientemente diante das atividades oferecidas pelo lazer. O nível superior se relaciona a paixão, como restabelecimento, cujas atividades e atitudes do lazer possibilitam a criação de sentido autêntico para existência em meio a facticidade do real. Nesse sentido, considerando as obrigatoriedades sociais que permeiam todas as vidas, o lazer é um tempo a ser privilegiado para a vivência de valores que contribuam com mudanças de ordem moral e cultural [...] veículo e objeto de educação, considerando-se, assim, não apenas as suas possibilidades de descanso e divertimento, mas também de desenvolvimento pessoal e social (MARCELLINO, 2007, p. 47). Concluindo, o lazer seria um despertar da consciência na ruptura do hábito condicionado às representações efêmeras do mercado e à rotina cansativa do trabalho.

Referências Bibliográficas

ARANHA, M. L. A. & MARTINS, M. H. P. *Filosofando: introdução à Filosofia*. São Paulo, Moderna, 1991.

BRUYNE, P. et. al. *Dinâmica da pesquisa em Ciências Sociais*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1977.

CAMUS, A. *Mito de Sísifo: Ensaio sobre o Absurdo*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989. DUMAZEDIER, J. *Valores e Conteúdos Culturais do Lazer*. São Paulo: Sesc, 1980.

GUMBRECHT, H. U. Perdido numa intensidade focada: esporte e estratégias de reencantamento. In: *Revista Aletria*. Belo Horizonte, MG, v. 15, p. 11-19, jan. - jun. 2007. Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/poslit/08_publicacoes_txt/ale_15/ale15_hug.pdf. Acesso em: 20 jun. de 2012.

HEIDEGGER, M. *Conferências e Escritos Filosóficos*. In: MARCONDES, D. *Iniciação à História da Filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

MARCELLINO, N. C. *Estudos do Lazer: Uma Introdução*. Campinas, Autores Associados, 2006.

_____. *Lazer e Qualidade de Vida*. In: MOREIRA, W. M. (Org.). *Qualidade de Vida*. São Paulo, Papyrus, 2007.

MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1994. _____. *A Natureza*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. A Estrutura do Comportamento. São

Paulo: Martins Fontes, 1971.

_____. O olho e o Espírito. In: MERLEAU-PONTY, M. Coleção Os pensadores. Traduções e notas de Marilena de Souza Chauí; Nelson Alfredo Aguilar; Pedro de Souza Moraes. 2^a ed. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

SARTRE, J. P. O Existencialismo é um humanismo. In: SARTRE, J. P. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1987.
SEVERINO, A. J. Metodologia do trabalho científico. São Paulo, Cortez, 1993.